



**FLÁVIA OLIVEIRA**



# A VITÓRIA DO DESEJO

Raul Japiassu Câmara

Mestre em Educação pela UFRJ. Graduado em História na UFF e Direito pela Estácio.

*“Quando você é uma jovem, negra e nascida no subúrbio, há algumas profissões que são pré-definidas pela sociedade”.*

FÁVIA FERREIRA

A jornalista Flávia Oliveira da Fraga, carioca do bairro do Irajá, torcedora do Vasco da Gama e da Beija-Flor, nasceu em 2 de agosto de 1969. Formou-se Técnica em Estatística pela Escola Nacional de Ciências e Estatísticas (ENCE) e em jornalismo no Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Já em seu trabalho de conclusão de curso, “A crise da imprensa no período pós-64”, demonstrou sua criticidade.

Em 1992, mesmo ano em que se formou, iniciou sua carreira de repórter no centenário “Jornal do Commercio”. Posteriormente, ingressou no jornal “O Globo” onde trabalhou como repórter de economia de 1994 a 2000 e como editora de suplementos especiais de 2001 a 2005. Passou a produzir a coluna “Negócios & Cia”, a partir de agosto de 2006. Desde 2009 é uma das comentaristas fixas do programa “Estúdio i”, do canal de assinatura Globo News, onde comenta sobre economia, política e cultura.

Desde 2019, atua na Rádio CBN as terças e quintas-feiras por volta das 11h15, no quadro “RIO + RUA”, trazendo assuntos diversos para reflexão: do assédio sexual no transporte público, das campanhas de vacinação, ao tema que mais representa seu lugar de fala, enquanto mulher, negra, jornalista em meio à branquitude: o combate incansável ao “racismo estrutural”. Barbárie que invisibiliza, exclui e mata no Brasil, de forma impune.

Em 2016, foi eleita para compor o Top 10 entre “Os +Admirados da Imprensa de Economia, Negócios e Finanças do Brasil”, conforme apuração do J&Cia em parceria com a Maxpress. A única mulher negra e referência em jornalismo econômico. Sempre com elegância traz uma nova análise de qualquer questão, tanto do cotidiano da cidade, quanto da macroeconomia de forma simples, sem o uso do “economês”.

No lançamento do livro “Escravidão”, de Laurentino Gomes, na Bienal do Rio de Janeiro, em 2017, Flávia Oliveira foi a mediadora. Trouxe a discussão para as consequências deste mal que corroeu e ainda corrói nossa História, tendo determinado espaços, fazeres e comportamentos velados. Eu estava presente neste evento e encontrei-a. Elogiei sua atuação e indaguei o quão difícil é conviver neste meio de jornalismo da grande mídia. Ela respondeu que “sempre foi difícil, faz parte da nossa vida”. Ou seja, pura resistência, com sensibilidade e ética em seu ofício.

Em 2021, recebeu da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, por iniciativa da Deputada Estadual Renata Souza (PSOL), a Medalha Tiradentes pela sua destacada atuação no jornalismo brasileiro e no enfrentamento ao racismo estrutural.

Especialista em socioeconomia, apenas sua presença representa empoderamento, pois as análises deste campo sempre foram dominadas pela elite branca, muitos com a cabeça no exterior e os pés no Brasil. Causa estranhamento uma jornalista de economia, mulher, periférica e negra.

Como ela mesma se define: mulher de interesses difusos e ativista pelos direitos humanos. Flávia é do Candomblé, religião de matriz africana, o qual releva ser seu alimento diário. Interessada em pesquisar sua ancestralidade, buscou, através do exame de DNA, sua origem da etnia materna mais antiga, descobrindo-se representante do povo Balanta de onde hoje é Guiné-Bissau.

Em horários nobres e emissão nacional, relata temas socioeconômicos em que a maioria dos brasileiros prefere não se ver e/ou reconhecer-se como agente: a imensa desigualdade social existente e o racismo estrutural.

Transita com facilidade em vários campos. Utilizando-se de afetividade, atinge o grande público. Empenha-se na construção de cidadania, na transmissão de saberes e fortalece o espaço social antirracista e democrático, pelo qual luta de forma incansável, com grande classe, erudição e simpatia.

Dedica-se até sete horas por dia ao trabalho como comentarista da Globo-news (“Estúdio i”, “Em Pauta” e “Jornal das Dez”), como podcaster no @



angudegrilo, como conselheira deliberativa de organizações como a Anistia Internacional do Brasil, Agência Lupa, Observatório de Favelas, Instituto Eu Sou da Paz, Museu do Amanhã, dentre outros.

Resume muito bem seu processo de socialização: “A escola pública explica minha ascensão socioeconômica, mas tenho também a consciência de minha experiência de vida, como a pedagogia da minha mãe, que me educava com ditos populares com significados éticos.”

Consegue conjugar jornalismo e ativismo com habilidade e delicadeza, a fim de promover a inclusão social e a destruição das estruturas racistas. Já em seu início de vida rejeitou sua trajetória social determinada, forjada em uma sociedade patriarcal e racista. Pois “tudo passa pela civilidade e por uma boa convivência”, como ela mesma mencionou.

Escreve e fala daquilo que a emociona e comove a todos. Vida dura e com precariedade, tinha muita coisa para dar errado. Seguiu com a educação formal incentivada pela mãe que não teve esta oportunidade. O jornalismo era distante das possibilidades. Enquanto a mãe apoiava, pessoas próximas diziam que jornalismo é para “moças bonitas e ricas”. Puro racismo.

Flávia especializou-se em cobrir indicadores sociais pela sua facilidade com números e pela própria vivência de quem experimentou e conhece as desigualdades na veia. É referência para a juventude, sobretudo para as negras e pobres que admiram sua trajetória profissional e de vida: uma mulher vitoriosa na adversidade.

## IMAGENS

1. Imagem de Flavia Oliveira - Acervo Cristiano Sant'Ana